

A cegueira que nos atravessa. Uma janela para assistir e ver Sociopsicodrama no Centro Cultural 29/11/2008

Direção: Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler¹
Egos-Auxiliares: Cassiana Léa do Espírito Santo² e Rudolf Wechsler³

Quando comecei a pensar sobre esta minha direção, no final de novembro, me dei conta que faltava somente um mês para acabar o ano...e balanços do ano são sempre bem-vindos, sobretudo para nos ajudar a refletir sobre caminhos que queremos/podemos trilhar no próximo ano...foi dessa maneira que surgiu o “mote” para este trabalho no Centro Cultural. Assim, embora sem um tema específico, eu já tinha uma *linha* e as *tramas* iriam ser feitas no aqui e agora com seus respectivos *dramas*...fui me aquecendo e cheguei!

A Sala Adoniran Barbosa estava ainda vazia e aos poucos iam chegando as pessoas... o trabalho iniciou com umas 20 pessoas e terminou com 76.

A diretora se apresenta, fala deste espaço que humaniza a cidade de São Paulo, um projeto em andamento há mais de 5 anos. Compartilha o quão “caro” este Projeto Centro Cultural é para ela, pois conta dos seus desejos de transformação da realidade, desde a adolescência, e da mudança de perspectiva que a vida adolescente para adulta trouxe: se lá o desejo era que os projetos de transformação da realidade simplesmente acontecessem, pois estes marcam o pensamento juvenil, agora a leitura das possibilidades que a realidade oferece para que estas transformações existam era fundamental e o Centro Cultural é um destes espaços que se abriu dentro da realidade paulistana, onde todos que aqui comparecem são co-responsáveis pelas possíveis transformações que se tece.

Fala do Psicodrama, do seu criador, Jacob Levy Moreno (1889-1974) e das conexões entre individual e coletivo, fonte de constituição do sujeito, uma vez que o sujeito constitui-se enquanto tal num grupo (coletivo), pode adoecer neste grupo e deve resgatar sua saúde também no próprio grupo.

Apresenta os egos-auxiliares e inicia um mapeamento identitário, com critérios que propôs e outros criados pelo próprio grupo, para disparar um re-conhecimento grupal: 7 pessoas (de 20) que estavam ali pela 1ª. vez; 17 pessoas da capital e 3 de outros estados de origem – BA, Pr e R.J. Da unidade Funcional (Diretora e Egos-auxiliares): um de Alexandria (Egito); outro do interior e ainda outro da capital; 7 pessoas da área Psi, 8 pessoas da área de enfermagem, 3 da área medicina (Veterinário, Oftalmo, Pediatra), ainda 2 pessoas de Eventos Culturais e Prof. Inglês.

Pede aos que estavam lá pela primeira vez comunicarem algo para os já frequentadores: *gostaria de poder observar mais, pois estou aqui pela primeira vez...*

¹ Psicodramatista, Didata se Supervisora pela Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP) nos focos socioeducacional e psicoterápico; Doutora em Psicologia pela USP; Profa. Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes) e do convênio entre Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) e PUC-SP. Membro do Grupo de Sustentação dos trabalhos do Centro Cultural

² Psicóloga; Psicodramatista pela SOPSP-PUCSP, foco psicoterápico, referendada pela FEBRAP; Psicóloga da Clínica Maia - Unidade Hospital-Dia Psiquiátrico Ana Rosa.

³ Médico-Pediatra-Psicodramatista pelo DPSedes; Coord. Saúde Mental do Departamento de Pediatria da UNIFESP; Doutor em Pediatria pela UNIFESP

you can just observe, but it is more legal to participate and to do as you wish, to enter, because it is very different to just observe and to give to oneself the chance to participate...

Assim a Diretora pede aos que desejarem vir ao palco. Inicia um aquecimento corporal: pede para respirar, alongar, soltar o ar com um ruído... propõe a visualização de uma luz branca que vem do céu, que entra pelo topo da cabeça e passa por todos os membros e espaços corporais internos, massageando cada lugar... sai pelos pés e novamente faz o percurso inverso, a partir da luz que irá ser pega na terra... facilitando o reconhecimento do corpo como um “instrumento” de ligação entre o Céu e a Terra, “casa” de nossos sentimentos/pensamentos/percepções/intuições.

Pede para explorarem o corpo, os barulhos, ruídos e sons que podem ser tirados a partir dele. Com o corpo mais ativado, pede para que lembrem de cenas significativas de 2008 e que deixem atravessar o corpo, não buscando cenas, mas deixando elas se adentrarem ao corpo, arrebatá-los...e pede que identifiquem o sentimento/emoção que é predominante, localizando-o num lugar no corpo. Formam-se duplas e um mostra ao outro, por meio de gestos, pela linguagem corporal, sem palavras, o que predominou. Brincam com o corpo entre si, um mostra e o outro captura, fazendo um espelho e depois invertem. Todos que estavam no palco estavam envolvidos nesta troca de experiências sem palavras: algumas duplas com mais facilidade, outras com algumas dificuldades, onde os egos-auxiliares puderam ajudar, inclusive acolhendo o choro de uma participante.

Quando todas as duplas puderam fazer suas comunicações analógicas, a Diretora pede para cada um imaginar um sentimento/emoção oposto àquele que o arrebatou e procurar cenas em 2008 que pudessem representar esta oposição, se houvesse acontecido. E assim, todos continuam a mostrar para as suas duplas, ainda sem fala, este novo sentimento/emoção. Depois que todos se comunicam entre si apresentando suas singularidades, a Diretora pede para que sentem em semi-círculo num lado do palco e diz: *Imaginem, agora uma janela bem aqui na frente onde poderemos ver as cenas significativas de 2008... quem quiser nos contar... quem quiser sinta um pouquinho à frente... quem for se aquecendo durante as apresentações e decidir contar, também terá chance...*

Inicialmente 3 pessoas se disponibilizam para contar suas cenas. Depois aparecem mais 3. No total foram 6 microcenas.

A Diretora pede aos seus Egos-Auxiliares para ficarem disponíveis a fazer um fragmento de cena, a partir do que capturaram da fala dos apresentadores – emergentes grupais, o qual poderia participar ou não da cena. Pede, ainda, que após a participação, em seguida voltaria para seu lugar, atrás da janela, para assisti-la acontecendo...

Cena 1: Espaço Novo, Casa Nova. Os egos-auxiliares co-criam junto ao dono da cena, aqui definido ainda como emergente grupal, embora no espaço dramático, uma mudança para casa nova, carregando caixotes e caixas simbólicas, arrumando a casa, limpando-a, com muita alegria, orgulho pela conquista. O Protagonista sai da cena para re-vê-la pela janela. A Diretora pede um nome da cena: **Realização** e as ressonâncias da platéia (aqui a platéia foi definida pelas outras pessoas que estavam no palco e as que estavam no público *strictu sensu* – sentadas nas cadeiras e galera de cima): *fincando bandeira, conquista, orgulho, satisfação*. No momento da cena, uma mulher na arquibancada fala que adorou, que falar de valores é ótimo, acrescentando, enquanto a cena acontece: *... que bom que vocês não estão na rua (dormindo), pois aqui em Sampa tem muitos moradores de rua...* um discurso exaltado, em seguida, vai embora. O autor da cena murmura que a conhece e diz: *ela é assim mesmo...* acolhendo sua ressonância.

Cena 2: uma traição que causou muita dor na dona da cena. Ela contracenou com um ego-auxiliar. A cena se inicia com os dois andando juntos e, de repente, o ego-auxiliar a deixa, afasta-se abruptamente...ela chora... a Diretora a acolhe e pede para falar alto o que está sentindo: *decepção, desilusão* e pede para ela ver a cena pela janela que os egos-auxiliares repetem... Pede o nome da cena: **Aprendizado** e as ressonâncias da platéia: *dissolução, desilusão, descaso, solidão, raiva, descrença, destruição, perda, impotência*.

Cena 3: O emergente grupal escolhe iniciar assistindo a cena pela janela, após ter contado aos egos-auxiliares em voz alta. Os egos-auxiliares passeando de mãos dadas, co-criam uma cena onde um, com vendas nos olhos, representa a amiga portadora de doença incurável e irreversível de cegueira, e o outro um amigo que vai mostrando as coisas que ela gostaria de ver pela última vez...e o amigo a leva para ver a avó, o parque do Ibirapuera e o filme Ensaio sobre a Cegueira... A Diretora pede o nome da Cena: **Qual o verdadeiro valor das coisas?** E as ressonâncias: *mudança necessária, reflexão, ser seus olhos, despedida, suas memórias, transformação, novos valores, em sendo seus olhos pude ver coisas novas, dor*.

Cena 4: O emergente grupal escolhe contar a cena e assistir pela janela: Os egos co-criam uma cena na qual mudam de uma cidade do interior do Paraná para São Paulo e são acolhidos por uma amiga aqui em Sampa... embora o acolhimento seja grande o apartamento é pequeno e eles precisam encontrar uma moradia própria, encontram e sentem-se aliviados, mas angustiados pela mudança que se anuncia. A Diretora pede o nome da cena: **Mudança** e as ressonâncias da platéia: *preocupação, só o começo, vida nova, meu espaço, alívio*.

Cena 5: O emergente grupal conta que estava numa exposição no Ibirapuera sobre *Einstein* (sobre o tempo). Fatos históricos de 2008 que lhe trazem mais conscientização, perguntando-se o quanto tem a ver com sua própria realidade... *acelerador de partículas, consciência de uma realidade para outra, O presidente eleito dos EUA é negro, será que ele vai dar conta?... nós estamos inseridos na história...* Enquanto assiste pela janela sua cena, os egos-auxiliares co-criam 3 micro fragmentos de cena:

1. correm e gritam que assim fazem para ficar mais jovens...
2. ligam o reator...todos caem e acaba o mundo numa explosão
3. Presidente Obama: *Tô ferrado, moreno na presidência?* Americanos brancos falam com ele pedindo resolução para os problemas da guerra, crise... Obama tem dor de barriga, mostrando seu medo, assustado...a platéia se anuncia gritando...*Neguinho na presidência, se não “cagar na entrada” “caga na saída”...*

A Diretora vai junto a ele para pesquisar o que está vendo e ele diz que a cena do Obama não tem a ver com ele.. (ele é negro), que ele prefere a segunda micro cena e os egos-auxiliares a repetem... A Diretora pede o nome da Cena: **Explosão e Implosão** e as ressonâncias da platéia: *conflito, contradição, cagada, incompatibilidade*.

6ª. Cena: Conta que veio da Bahia, ia ser acolhido por uma amiga, mas não deu, depois a prima o acolheu em seu apartamento... já trabalhou isto no Centro Cultural, mas no Centro Cultural ele descobriu o Amor, a satisfação, a experimentação do pleno amor... Enquanto assiste sua cena pela janela, os egos –auxiliares co-criam uma cena no Centro Cultural, pedindo a ajuda da platéia que estava no palco. Formam um grupinho e

conectam-se com as pessoas, alcançam uma pessoa e o coração começa a disparar... A Diretora pede o nome da cena: **Intensidade** e as ressonâncias: *intenso, amor, encontro, ilusão, estar vivo, disponibilidade*.

A Diretora agradece a todos que apresentaram suas cenas, aos egos-auxiliares que as co-criaram e pede para que somente fiquem no palco os seus autores que generosamente nos presentearam... e anuncia que *iremos escolher uma cena aqui apresentada como significativa em 2008 para darmos seguimento a ela em 2009*. Pede para as pessoas se levantarem e se dirigirem atrás da cena escolhida. As cenas que tiveram o maior número de votos: **Qual o verdadeiro valor das coisas** (Cena 3) e **Intensidade** (Cena 6).

A Diretora pontua que *agora vamos ver uma porta aqui... e vamos entrar nesta passagem para 2009 e vamos re-construir as cenas escolhidas como uma co-construção para 2009 ... agora as cenas são nossas, do grupo*.

A Diretora pede para que as personagens que compuseram as cenas escolhidas se apresentem: a personagem cega (ego-auxiliar) e o amigo (Cena 3); o casal de enamorados (Cena 6), formando uma estrutura de cena. Diz para a platéia que se tiver personagens ao longo do trabalho e aos que desejarem compor a nova cena para que se identifiquem por meio de um pedido à Direção.

Cena Protagonica:

Cena 1: A Cega anda olhando pela última vez as coisas... ficou totalmente cega: *Alguém pode me ajudar? Estamos em 2009... entrando pela porta... como é bom ter alguém segurando minha mão...* (o autor da cena 3 que segurava a mão dela).

O Personagem “Intenso” (enamorado da cena 6) fica perto da cega, resta a intensidade do carinho e diz: *Basta o silêncio dos corpos.. o gesto resta mais... ouço agora mais o silêncio... a resposta está aí... é o silêncio*.

A Diretora pede que alguém seja o silêncio e V. vem da platéia para fazê-lo: foi perto dos dois e coloca o dedo na boca, fazendo a imagem do silêncio... Outra pessoa (autor da cena 3) lembrou das coisas que via... Outra pessoa faz duplo da cega: *Tem medo do quê? Depende de você tomar o espaço... tem medo da entrega? Ter uma decepção? Ser traída? Rejeição? De ser abandonada?... ficar dependente do olhar dele.. é melhor, então, nem começar...*

Outra fala como a personagem cega: *O que o outro faz? O que eu faço? Como se pode dar uma chance a si própria?*

O “intenso” (enamorado): *de maneira calada a gente se encontra... mas eu estou vendo que você não quer, tem medo e não vale a pena lutar para te transformar...*

A Diretora entra e explicita o conflito: *se por um lado a Camila (nome dado a cega) tem medo de entrar na relação, o enamorado dela também reconhece seus limites e não quer investir...parece que tem outros enamorados que querem tentar mais...*

Outra voz para Camila: *tive um namorado e enviei um e-mail com o trecho da música – los hermanos (todos entoaram juntos um trecho)... entra de pé firme em 2009... o que vale a pena em 2009?*

A Diretora chama o autor da cena 3 para ser o personagem que responderá o que vale a pena em 2009: *aproveita o momento para ver as coisas... nada nesta vida é banal.. A Diretora comenta: Tudo vale a pena quando a alma não é pequena..*

O ego-auxiliar deu voz ao personagem que recebeu o e-mail da Camila, denominado João: *eu também tenho medo, mas estou com você... o que vale a pena é a verdade.. o amor não passa assim... o importante é termos consciência das diferenças e*

dificuldades... O “intenso” (1º enamorado da cena 6) complementa: ...vamos brincar com a vida...

A Diretora vai até a Camila que está calada e fala em voz alta: *é muito sofrida esta perda da minha visão.. será que consigo superar?*

Pede para cada um se interiorizar, sentindo os personagens que fez e guardar para si as ressonâncias... e fecha a cena, chamando para o compartilhar...

Compartilhar:

As pessoas compartilharam o sofrimento que existe e sempre existirá... respeitar os próprios limites é importante... perceber os outros mundos... as pessoas querem amar e querem ser amadas... nossa cegueira interna que nos atrapalha, a Camila, o João que nos habitam... um ego-auxiliar compartilha a dificuldade de ver em várias direções, ao mesmo tempo, e que a cena e a vida lhe impõe este desafio, mas que tem limites...

A Diretora assinala que o que co-construímos neste espaço, hoje, aqui e agora, fala de uma reflexão *sobre o que vale a pena na vida, o verdadeiro valor das coisas...* passando pela *intensidade*, pelo desejo de amar e ser amado, mas pelo reconhecimento dos limites, dos medos, da “cegueira” que nos atravessam, assim como atravessam as relações... Agradece a todos⁴, aos egos-auxiliares, pela participação, e se despede, convidando para o próximo sábado, no mesmo horário.

Antes de irmos embora alguns funcionários do Centro Cultural que lá estavam deram o feedback que o trabalho ajudou muito... e que gostariam de num outro dia poder participar...

Saí do Centro Cultural com a sensação de missão bem cumprida... reflexiva mas com vontade de viver a Vida...!

Tecendo Algumas Considerações:

Como a “magia” do Psicodrama se fez presente... tecendo os fios visíveis e invisíveis que o grupo apresentou: Os personagens protagônicos em cena, co-construindo seus vínculos – A Cega, a própria representação das cegueiras que nos habitam, sinalizando o medo da dependência, da traição, o limite, o pré-conceito e a paradoxal aceitação da condição humana, por meio das aprendizagens. O Intenso-enamorado, atualizando os próprios limites frente ao desejo de se ter o que se quer (o mundo do sensível), personagem que complementa a própria cegueira *versus* o namorado João, representação da luta contínua frente aos limites impostos pela vida. Tal contradição nos contava do próprio processo de subjetivação em *status nascendi* que o grupo fôra co-construindo, personificado no personagem em cena que desenhava os valores que pulsavam – o que vale a pena na vida? viver o momento, o aqui e agora com olhos que nos levem para o *frescor* que nos tirem da banalidade que é a repetição de um mesmo olhar...articulando conexões entre as subjetividades que nos rodeiam (a exposição do *Einstein* como representação das subjetividades que estamos imersos) e o espírito crítico que emerge da consciência.

Um contexto dramático que nos fala das tramas de um contexto grupal e de um contexto social – de um grupo que vem ganhando autonomia, a consciência que ela só pode acontecer na interdependência dada pelas relações, por meio dos trabalhos desenvolvidos no Centro Cultural há mais de 5 anos...*a Camila, o Intenso*, personagens do contexto dramático e frequentadores, ao mesmo tempo, do Centro Cultural. Um contexto social que clama por outros projetos que possam ter esta mesma finalidade: de facilitadores da transformação social, colocando o sujeito como agente ativo do

⁴ Agradeço a colaboração da minha aluna Regina do DPSedes por ter registrado esta direção.

processo. Uma leitura *hologramática* dos contextos que atravessam os métodos psicodramáticos, referendando um princípio do pensamento complexo⁵.

Sociopsicodrama porque a partir das cenas individuais disparadas pelo princípio de *Play Back Theater* pudemos tecer a trama grupal, dar um foco para o *socius*, grupo, companheiro, olhares que desenham múltiplos vértices que se apresentam como elementos constitutivos do próprio processo de subjetivação grupal, caldo da constituição das singularidades. Aí a magia do Psicodrama (*latu sensu*): a interface entre o individual e o coletivo!

Obrigado a todos os atores sociais que nos ajudaram a viver a autoria de nossos caminhos para 2009.

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler

⁵ Um dos princípios do pensamento complexo, seg. Morin em seu livro *Ciência com Consciência* (1990), é o princípio hologramático, o qual nos conta que *a parte está no todo e o todo nas partes*.